

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

SORAYA LUCENA DINIZ COSTA

**CHEGAR E PERMANECER NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DOS  
CONCLUINTEs DE GRADUAÇÃO NO ICHF DE ORIGEM POPULAR**

NITERÓI  
2018

SORAYA LUCENA DINIZ COSTA

**CHEGAR E PERMANECER NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DOS  
CONCLUINTES DE GRADUAÇÃO NO ICHF DE ORIGEM POPULAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Sociologia, como requisito parcial para conclusão do curso. Área de concentração: Sociologia da Educação.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Verônica Toste Daflon

NITERÓI

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

C837m Costa, Soraya Lucena  
Monografia / Soraya Lucena Costa ; Verônica Toste Daflon,  
orientadora. Niterói, 2018.  
39 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) -  
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências  
Humanas e Filosofia, Niterói, 2018.

1. Sucesso escolar. 2. Sociologia da educação. 3.  
Produção intelectual. I. Título II. Toste Daflon, Verônica  
, orientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto  
de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de Sociologia e  
Metodologia das Ciências Sociais.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

SORAYA LUCENA DINIZ COSTA

**CHEGAR E PERMANECER NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DOS  
CONCLUINTES DE GRADUAÇÃO NO ICHF DE ORIGEM POPULAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Sociologia, como requisito parcial para conclusão do curso. Área de concentração: Sociologia da Educação.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Verônica Toste Daflon

Aprovada em / /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Verônica Toste Daflon - UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lígia Maria de Souza Dabul - UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina Vital da Cunha - UFF

NITERÓI

2018

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pelo dom da vida. Aos meus familiares, pelas palavras de amor e carinho. Aos meus filhos Elias Diniz, Eliseu Diniz e Mateus Diniz, por serem compreensivos nesta jornada, ao meu companheiro Eilson, pai, amigo. Ao meu falecido pai João Alves Diniz, por sua severidade, a minha mãe Nilza das Dores Lucena Diniz, pela coragem e otimismo, ao meu avô Dr.º José de Souza Lucena.

A minha neta Ester, pela alegria e preocupação, por me ver catando teclas no computador. À professora Lígia Dabul na direção da Revista Ensaios e aos bolsistas do Desenvolvimento Acadêmico Científico.

Agradeço também aos professores e professoras do curso de Extensão Brasil e África em sala de aula e o coordenador professor Ricardo César Costa da Instituto Federal Rio do Janeiro. Aos professores Larry e ao professor Patrick, diretores da Livraria e Seminário Betânia em Coronel Fabriciano.

A escola de jovens do Floramar, e o professor e pastor Aquim Nacif, por fortalecimento nas leituras e escritas em hebraico. Aos professores e as professoras Regina Coeli, Ana Cristina, a professora Rilda por seu método de ensino da língua inglesa, as professoras dedicadas Leila, Madalena.

Quero mencionar as escolas bíblicas com os professores e aos pastores Reverendos Guilhermino Cunha, Claudio Pombal, Francisco Luz, Sidney Jones, Sérgio Gomes pelas manhãs de excelentes momentos de estudos das Escolas Dominicais Presbiteriana do Brasil.

A professora Hélène e Sofia na imensa determinação em ministrar o curso, aos meus colegas de sala e as parcerias que fizemos durante esses períodos outrora distante, mas perto de coração.

A turma do C.N.V pela escuta, somos uma família uffiana. Aos meus amigos de estudos Wallace e Quézia, Thaís Arantes, Thamires Dias, Luíza Aragon, Ana Lúcia, e todos os alunos e alunas formandos ao longo da graduação.

À minha instituição, Universidade Federal Fluminense, pela seriedade em priorizar um ensino superior de qualidade.

A coordenadora e professora Carmen Lúcia Felgueiras do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, os professores Luiz Carlos Fridman, Cristiano Monteiro, por fazerem as aulas de fácil compreensão.

Aos professores que transformam suas aulas em momentos agradáveis e que não percebemos o tempo passar, aos professores Thiago Mourelle, Daniel Mano, Fabrício Teló, Fabio Motta, meu apreço.

E agradeço também aos professores Carlos Henrique Aguiar, Maurício Vieira, Daniel Hirata, com muito carinho.

As queridas professoras Letícia Veloso, Cristina Mair, Flávia Rios, Aline Marinho, Renata Schittini, Carolina Zuccarelli, do departamento do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, meu respeito e admiração.

Em especial à minha querida Orientadora Verônica Toste, a quem eu admiro e confiei minhas experiências que logo abriu um caminho a trilhar para esse fabuloso trabalho, guiado por essa profissional. A orientadora é agora uma amiga de coração, obrigada por confiar e conduzir esse trabalho.

A todos que contribuíram em minha trajetória, o meu muito obrigada e minha verdadeira gratidão.

“Tudo posso naquele que me fortalece”

*Filipenses 4:13*

## **RESUMO**

Muitas são as formas de analisar questões de origem e classe social no Ensino Superior. Uma das preocupações mais comuns é com a não permanência, isto é, a evasão dos estudantes. Essa monografia se debruça sobre o assunto para compreender universitários de origem popular que superaram as expectativas e obtiveram êxito. Baseia-se em um grupo focal com estudantes da Universidade Federal Fluminense de origem popular para discutir as teorias de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire sobre classes sociais e educação.

**Palavras chave:** Cultura. Educação. Classe social.



## **ABSTRACT**

There are many ways of analyzing the impact of origin and social class in Higher Education. One of the most common concerns is with non-permanence, that is, student who are unable to earn a degree. This monograph focuses on the subject to understand university students of popular origin who exceeded expectations and are successful. It bases upon a focus group with students of the Fluminense Federal University of Popular origin to discuss the theories of Pierre Bourdieu and Bernard Lahire on social classes and education.

**Keywords:** Culture. Education. Social classes.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

C.N.V. - COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

ENCCEJA – ENSINO NACIONAL DE CONHECIMENTO ESTUDANTIL JOVENS E ADULTOS

E.D.P.B- ESCOLA DOMINICAL PRESBITERANA DO BRASIL

ICHF - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

IFRJ – INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

IPT - INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS

PL-PARTIDO LIBERAL

PROAES – PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

TSG - TAXA DE SUCESSO NA GRADUAÇÃO

UERJ- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: É PRECISO CHEGAR E PERMANECER RESISTINDO ...	13
1 AS PERSPECTIVAS DE PIERRE BOURDIEU E BERNARD LAHIRE SOBRE A EDUCAÇÃO .....	22
2 METODOLOGIA DA PESQUISA .....	26
3 GRUPO FOCAL COM ALUNOS DO ICFH, UFF .....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37

## INTRODUÇÃO

### É PRECISO CHEGAR E PERMANECER RESISTINDO

Eu, Soraya Lucena, 59 anos, casada, mãe de três filhos, avó, nasci em Botafogo, Rio de Janeiro, mas fui criada em Minas Gerais, Sabará, terra da jabuticaba. Um lugar de gente simples e cheias de histórias. Meus estudos foram realizados em um dos melhores colégios de Sabará, o Colégio Estadual Professor Zoroastro Vianna Passos, o único colégio estadual da região. Lá eu fiz o ensino fundamental, a admissão e o científico. Sempre fui uma aluna de média sete nas matérias, mas as aulas de Ciências Sociais me fascinavam, eram as aulas mais dinâmicas. O espaço da escola era apropriado, tinha laboratório. A professora fazia a dessecação de sapos e pássaros e estudávamos biologia na prática. Tínhamos aulas de canto, aulas de técnicas industriais e comerciais e aulas de educação para o lar. Dessa última eu confesso que sempre me esquivava, sempre convencia minha diretora que eu já sabia cozinhar, que queria era a Ciência, que um dia seria uma cientista famosa. Eu conseguia mudar a minha grade porque eu já era conhecida e tinha feito o primário, o ginásio e a admissão lá, isto é, já estava aproximadamente há uns oito anos no mesmo colégio. Eu tinha amizade com os seguranças, com as faxineiras, com a dona Maria da cantina, a secretária e com as professoras e mais tarde com os professores do Científico.

Na minha infância eu pensava que ia descobrir uma fórmula para ajudar as pessoas com problemas mentais a recuperar a lucidez. Eu ficava horrorizada em saber que as pessoas ficavam presas e amarradas e eram obrigadas a tomar remédios para ficarem mais calmas. Me assustava o poder dos médicos psiquiátricos. Também quando eu visitava meu pai no hospital André Luiz lá em Belo Horizonte, eu ficava muito indignada por ver como os doentes eram maltratados, ficavam magros, de camisolão branco aberto atrás, sem nada por baixo, com a cabeça raspada, com um olhar distante, mirando no além.

Aqueles mais comportados, quer dizer, os que não ofereciam perigo ou não esboçavam reação, eram deixados soltos pelos corredores dos hospitais pelos enfermeiros. Muitos tinham sofrido com o tratamento dos temíveis choques elétricos. Era uma época em que se você tivesse algum comportamento inesperado que

chamasse atenção dos seus familiares, vizinhos ou parentes, poderia ser entregue como “louco” por qualquer pessoa com um ar de idoneidade para o hospício.

Cresci assombrada pelos “manicômios”, verdadeiros depósitos de humanos, crianças, jovens, homens, mulheres, idosos. Muitas pessoas foram jogadas nesses depósitos. E quando meu pai saiu de um desses hospitais, minha mãe cuidou dele. Nessa época ele também foi aposentado por invalidez psiquiátrica, provocada por uma estafa no trabalho. E foi assim que cresci: uma menina criada em um lugarejo entre duas cidades, a cidade de Belo Horizonte e a cidade de Sabará.

Tenho duas irmãs e três irmãos. Sempre cuidei deles, levava para a escola, ajudava nos deveres escolares, lavava, e fazia o que podia para defendê-los da violência que morava na casa de meus pais. Minha mãe estava sempre calada, sofrida e obrigada beber com o meu pai. Embora ele tivesse problemas, eles haviam desistido dos tratamentos médicos por presenciarem aqueles horrores nos hospitais. Eles resolveram se trancar em casa com os seus problemas psiquiátricos. Afastaram-se dos familiares, por vários motivos, e subiram os muros. E o mundo fechou as portas para nós.

Em meio a isso tudo, meu lugar preferido era a escola, pois lá era um outro universo. Eu sentia muito amor e muita atenção. E também havia respeito. Minha professora de inglês, dona Wilma, era descendente de americanos e tinha duas cidadanias. Além da gramática e aulas de conversações com os alunos, ela sempre ensinava canções infantis em Inglês. Eu me dedicava muito e minha professora me incentivava, até que um dia ela fez um convite para os melhores alunos de Inglês. Ela me escolheu para fazer um intercâmbio internacional por seis meses. Cheguei em casa animada e contei para minha mãe, mas ela estava alcoolizada, fez uma gritaria e foi assim que contou para o meu pai.

Eles entenderam tudo errado, meu pai ficou furioso, me proibiu de voltar a falar em viajar para os Estados Unidos. Chorei. Dias depois, com a insistência da minha professora em falar com meus pais sobre o intercâmbio, eu agradeci e falei que meus pais não concordavam. Minha professora falou que no próximo ano haveria outro intercâmbio e que falaria com meus pais. Então outra aluna foi no meu lugar. E não demorou muito para as crises de violência ficarem constantes, pois meu pai não entendia os meus horários do colégio. Três vezes por semana eu chegava depois das dezoito horas e ele me esperava no ponto do ônibus escolar. Eu sentia muito medo dele, mas ele não falava nada.

A educação física era pela manhã. Eu participei de torneio de corrida de salto, vôlei e handebol. Sentia alegria com os campeonatos. Estudar me fazia bem. Por esse motivo, em alguns dias na semana eu permanecia da manhã até a tarde. Além da grade normal, havia reforço escolar e educação física. Para almoçar eu ia na casa de minhas colegas que moravam perto do colégio. Era mais comum que eu fosse na casa de uma colega, Zilda Rocha, com quem até hoje mantenho contato, embora ela more na Suíça. Zilda me ajudou muito, pois o percurso para casa durante o dia ficava difícil, era distante.

Eu passava o dia fora de casa, eram muitas brigas, palavrões e discussões, eu não suportava. Foi quando eu conheci as drogas. Era a erva que alastrava por aquelas bandas. Sofri mais ainda, e não interessava por nada. Meu pai percebeu e me tirou da escola, pregou a janela do meu quarto e fechou a porta por fora. Eu não podia ir mais a escola. Quando ele queria me soltava, eu tomava banho, comia e ele me prendia de volta no quarto. Um dia eu estava na varanda e apareceu um moço com um sotaque de carioca.

Ele tinha a aparência indígena, era de pele avermelhada, de cabelo bem preto grande e liso. Era diferente daqueles rapazes do lugarejo. Ele perguntou por meu irmão e o convidei para entrar. Meu pai tinha saído e minha mãe reclamou, dizendo que eu estava falando com um estranho, mas eu disse que ele era o patrão do meu irmão. Quando meu pai chegou, viu o moço sentando rindo e conversando comigo. Fez um olhar de reprovação que eu ignorei. Pedi o moço, que voltasse para encontrar meu irmão outro dia. Esse moço foi embora, mas daquele dia em diante sempre ia lá em casa. Ele frequentou nossa casa uns dois meses e isso foi o bastante para papai fazer meu casamento.

Alegando que eu estava muito “saliente” e como ele era amigo do dono do cartório, meu pai marcou e pronto. Eu casei. Ele pertencia a uma igreja que ajudava jovens com problemas de dependência. Eu sempre ia aos domingos, consegui sair das drogas, por ouvir sobre regeneração e abstinência, participei de eventos, em uma casa de recuperação e com jovens dependentes. A igreja falava em libertação através das leituras bíblicas. Consegui entender que o corpo é meu e ele precisa de cuidados.

Fui morar em Araruama, fiz grandes amizades, participei de trabalhos dentro da igreja evangélica, tanto nas visitas àquela comunidade como no conforto através de palavras de fé. Depois fomos chamados para trabalhar como missionários, pois eu havia me convertido ao protestantismo. Acho que sempre gostei de uma parte dessa

palavra: PROTESTO. Resolvi protestar através da política e me candidatei a vereadora pelo partido PL, de Álvaro Valle, que na época tinha a proposta de mudar a vida de crianças e jovens. Era enorme o analfabetismo, as escolas não tinham estrutura, e os professores sentiam os efeitos na escrita e linguagem das crianças quando elas entravam para o primário. Fui ameaçada na política por ser candidata da oposição e questionada por ser mulher, sem filhos e não pertencer àquela cidade. Foi difícil, mas ia aos comícios que eram showmícios. Acabei como suplente, mas devido força maior, desisti de concorrer nas eleições seguintes. Vim morar no Rio de Janeiro, passei anos sem ir a Minas, trabalhei no comércio, vendi doces, picolé na praia, vendi roupas, calçados de porta em porta, depois fiz reciclagem, cloro, desinfetante, catei latinhas, fui ajudante de madame, fui babá, organizadora de eventos. Fui vendedora de ficha telefônica na Praça Araribóia, em Niterói, eu carregava uma tabuleta enorme onde estava escrito “Ficha aqui”.

Eu observava a multidão correndo, ora indo ora voltando. Eu permaneci muito tempo ali, como uma estátua invisível. Os anos passavam rápido e a juventude voava com o tempo. Eu via a inflação diária na vida dos pobres. Os estudantes passavam com seus livros. Eu desejava saber o que liam. Muitos falavam de faculdade, abraços, lágrimas, gritos, brigas, assaltos, mortes, policiais, política. Tudo na Praça Araribóia é o retrato de uma sociedade. As obras vieram, os aterros, o capitalismo prepotente e decisivo. A população assiste de cabeça baixa. A destruição da beleza da paisagem da orla da praia é feita com o concreto da modernidade, que chega causando transtornos. Às vezes eu ficava revoltada, por tamanha estupidez dos políticos e os seus “elefantes brancos”, as obras faraônicas. Eu pensava: e o povo? E a educação, cada vez mais longe do trabalhador? Só quem tem educação consegue e passar pelo sistema. Eu me questionava: será possível estudar novamente? O meu projeto de estudar voltava sempre ao meu horizonte.

Quando eu terminava as vendas de camelô na rua, eu estava exausta, empoeirada, com as unhas sujas, o cabelo mais russo que tudo. Naquela época os ônibus soltavam um gás cinzento e um cheiro de queimado, que penetrava em minhas narinas a ponto de me deixar sem ar. Eu pensava em coisas como “o que é mais importante para um trabalhador depois de um dia cansativo?”

Cheguei até fazer pesquisas. Eu conversava com as pessoas na rua, no ônibus. O que você prefere depois de um dia de trabalho de rua? Um banho? Uma cama para dormir? Ou um prato de comida caprichada? As pessoas tinham suas preferências e



todas tinham suas respostas devido às suas experiências e resistências. Assim como a maioria, eu preferia um prato de comida, era o que eu necessitava no momento.

Havia uns trailers na praça. Depois das seis horas, homens e mulheres vendiam angu baiano. O cheiro de tempero que a comida exalava era muito envolvente, puxava o estômago de qualquer um que por ali passava. Eu ficava na Praça Araribóia até depois das onze horas. Lá eu comprava o meu prato de angu à baiana, minha única refeição, e me deliciava ali em pé na rua mesmo. Depois eu voltava para a pensão, junto com meu marido, e no outro dia lá estava eu indo trabalhar.

Quando uma luz no fim do túnel clareou minha vida, eu fiquei grávida de gêmeos. Foi um susto, primeiro por não ter condição nenhuma de criar, nem psíquica, nem física, nem financeira. Mas foi um momento único. E assim nasceram fortes Elias e Eliseu. Mas como poderíamos viver todos em uma pensão? Fui então morar com a sogra Francisca, hoje já falecida. Aprendi muito com ela. Eu agradeço o teto, o pão e coisas que aprendi com ela. Nordestina, lavadeira, ela foi alfabetizada pelo antigo Mobral. Havia sido funcionária da fábrica de sardinha e já estava quase aposentada. Ela me dizia: “mulher, você tem que ter seu dinheiro guardado para uma emergência, que pode acontecer a qualquer momento, vá estudar, ser gente”.

Ela me contava suas experiências no Ceará, como chegou e como venceu suas lutas. Se não fosse o Mobral, ela não teria conseguido emprego na fábrica de sardinha. E logo aprendi como a força das palavras de uma mulher experiente faz diferença na vida de outra mulher. Quando os gêmeos estavam na escolinha eu revendia peças íntimas na favela em São Gonçalo, e assim eu conseguia sobreviver. Meu marido trabalhava também com a revenda e a vida corria. Logo engravidei de Mateus. Foi um novo susto. Muitas pessoas me perguntavam se eu não ia abortar, pois como eu iria criar três filhos sem um emprego fixo?

Eu ficava sem palavras, não tinha a resposta. Eu passei quinze anos sem ter filhos, por ser estéril segundo laudos médicos, devido a um verme da carne de porco ingerida na infância. Mas eu sempre cuidei de meus irmãos com carinho, dos filhos dos patrões também, e meus filhos eram uma força para eu viver. Eu não ia abortar. O corpo era meu e eu ia ter esse filho. As vendas caíram. Eram os anos 90, Collor de Mello confiscara o dinheiro do povo. O meu também. Pouco, mas foi. Então, um dia, levando os filhos para a escola, me deparei com uma faixa de uma comemoração infantil, com brincadeiras, músicas e histórias bíblicas.

Participei daquele evento gratuito e observei como as pessoas falavam bem. Os professores tinham formação acadêmica, alguns eram da UERJ e estavam fazendo a pós, outros estavam prestando concurso. Eu levava meus filhos para aprender instrumentos musicais, que também era gratuito, e consegui um emprego de faxineira naquele templo Presbiteriano. Fui trabalhar com a esposa do pastor Kleus e com ela aprendi a trabalhar com a soja. Ela havia se formado em Nutrição e fazia um trabalho voluntário na igreja com as pessoas da comunidade.

Aprendi sobre alimentação saudável e pude trabalhar com a Dr<sup>a</sup> Cleds. Ela era descendente de Alemães e me incentivou a estudar, por me achar muito dedicada nos serviços que prestava para ela. Muitas vezes eu ia com ela nas reuniões de senhoras ajudando na preparação da soja, na fabricação do leite, do pão, na carne etc. Eu voltei a estudar, meus filhos estavam maiores, e frequentei o Ensino Médio no colégio estadual Ismael Branco.

Eu me tornei membro daquela instituição, logo, ajudava nos domingos como auxiliar de classes da educação infantil. Depois aprendia muito com a bíblia sagrada. Entendi que podemos pensar sobre ciência dentro das escrituras, sem fanatismo ou fundamentalismo. Como diz em Eclesiastes o sábio Rei Salomão, “Para *tudo* há um *tempo* determinado, sim, há um *tempo para todo* assunto debaixo dos céus”.

O desejo de aprender mais e o incentivo de uma comunidade fazem efeito. Os costumes e a cultura são transformadores, modifica o ser humano em todos as áreas do seu modo de vida e do intelecto. Um professor chamado Jefferson, de Matemática, sempre falava das possibilidades de um estudante vencer na vida, dizia que sem estudo não se vai a lugar algum. Que se alguém quer passar no vestibular precisa se dedicar aos estudos. Enchia a classe de esperança, fazia da matemática uma matéria muito simples de entender, suas aulas eram muito boas. Perdi o medo da matemática, e então completei aquela etapa de vida, muito feliz, e fiquei ainda algum tempo, trabalhando com faxina e organizando casas como diarista.

Tive a oportunidade de assinarem minha carteira, que nunca fora assinada. Fui indicada por uma patroa psicóloga para trabalhar na Barra da Tijuca com uma família finlandesa. Eu fui governanta, falava um portunhol com os patrões e fazia tudo para ser uma excelente funcionária. Cuidava dos meninos, um de doze anos e outro de oito, bons meninos, obedientes, quietos, pareciam uns robozinhos, branquelos, e sem vida, pois estudavam em um colégio Bilíngue. Eles queriam me levar para a Finlândia, e eu até cogitei a ideia. Mas nessa época meu filho sofreu um acidente no quartel em

Jurujuba e minha neta estava para nascer. Deixar o Brasil no momento não era minha prioridade.

Eu desejava voltar a estudar. Fazer talvez uma faculdade, e o tempo foi passando. Um dia fui convidada para ir a uma formatura da filha de minha amiga Dilma Cordeiro, Kellyen, que havia feito Turismo e escolhido o idioma Alemão na Universidade Federal Fluminense. Estava chovendo muito, fomos de carro, e quando chegamos ao auditório da reitoria, que maravilha, senti algo me envolver, eu flutuava, eu chorei tanto que a maquiagem borrou toda. Eu aplaudi aquela menina linda e lembro até hoje a música que tocava enquanto os formandos jogavam o “capelo” para cima e comemoravam cantando.

A música era “Pescador de ilusões”, da banda *O Rappa*. Que letra, que potencial, que mensagem. Aquilo me envolveu de uma maneira mágica e eu decidi voltar a estudar. Depois que meu filho Mateus terminou a faculdade, passei no Enem, com uma nota que me permitia escolher entre Psicologia, Filosofia ou Sociologia. Como eu amo conversar e entender como são os comportamentos das pessoas em comunidades, escolhi a Sociologia. Não ingressei pela cota, mas pela ampla concorrência, para não me sentir culpada por ocupar a vaga de outros jovens, já que as vagas são poucas em proporção aos jovens interessados em cursar o Ensino Superior.

Passei no vestibular e hoje estou na Universidade Federal Fluminense, terminando meu TCC, pensando nas lutas que os estudantes vivem em comunidades pobres para alcançarem o que é de fato um direito: a educação de qualidade. É um sistema que tem suas regras e que acolhe aqueles que sabem ler e compreendê-las. Enquanto eu lia os textos de Foucault, “A História da loucura”, “Vigiar e Punir”, senti as frases dele na minha pele. Ao estudar Weber em “Ciência como vocação”, “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1904-1905), eu vivi esses textos. Goffman, descrevendo a representação do eu e o comportamento em lugares públicos, Marx, com os conceitos de “alienação”, “mais-valia”, Bourdieu, discorrendo sobre como o sistema escolar pode reproduzir as desigualdades sociais ou sobre como as pessoas procuram “distinção”, falaram fundo à minha experiência. Entendi muitas coisas que se passaram em minha vida. Encontrar professores e professoras, doutores e Mestres na universidade é verdadeiramente um tesouro maior do que eu poderia imaginar. O ambiente, os seminários, as palestras, os simpósios, a bolsa de estudos acadêmicos, me fazem sentir como hoje sou privilegiada, ao lado dessas pessoas maravilhosas.

A história que contei fala de obstáculos na chegada à universidade. Assim como eu, muitos estudantes passaram por uma verdadeira maratona para chegar. Mas quanto a permanecer? A história não termina na chegada, ela começa. É necessário resistir para permanecer e permanecer resistindo. Entendo também que é preciso permanecer para chegar em algum lugar. Essa monografia investiga qual é o mecanismo que faz o jovem de origem popular permanecer na universidade mesmo diante de todos os obstáculos que surgem a cada dia.

O sociólogo Pierre Bourdieu desenvolveu uma teoria para estudar as desigualdades escolares, produzindo um marco na história da Sociologia da Educação. Um conceito muito importante para ele foi a ideia de “habitus de classe”, que se refere às “disposições aprendidas” nas condições sociais em que as pessoas vivem e existem. “Habitus” são formas de falar, pensar, agir, movimentos corporais, que permite “pensar as relações entre estruturas sociais e ações e personalidades individuais” (Giddens, 2012). Em uma crítica ao conceito de “habitus” de Bourdieu, Bernard Lahire fala da importância de olhar mais para o indivíduo, dar atenção às muitas experiências de socialização e ao trabalho que ele realiza sobre si mesmo. Ele mesmo oriundo de classe popular, Lahire fez uma pesquisa com estudantes e famílias de estudantes com esse mesmo perfil que originou o livro “Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável” (1997). Sua obra tem uma linha de continuidade com a obra de Bourdieu, mas mantém alguma distância, quando olha para a diversidade de experiências de socialização. Foi por causa dessas provocações de Lahire que esse trabalho começou com o meu próprio depoimento. Nas próximas páginas, eu discuto um pouco as ideias de Bourdieu sobre “habitus de classe” e reprodução cultural e as ideias de Lahire sobre sucesso escolar em meios populares. A apresento em seguida os relatos obtidos através de um grupo focal com estudantes oriundos das classes desprovidas de recursos financeiros e educacionais que estão obtendo sucesso acadêmico dentro do Instituto de Ciências Sociais Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense.

O local escolhido foi o espaço da convivência do campus do Gragoatá, na Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Os participantes foram alunos na faixa etária entre 21 a 35 anos – quatro mulheres e dois homens – que estão se graduando em cursos da área de Ciências Humanas. Trata-se de alunos desprovidos do capital cultural – ou, para ser mais clara, da bagagem intelectual - adquirida no ambiente familiar e na educação formal, para usar

os termos de Bourdieu (1979). Ao mesmo tempo, são pessoas que desenvolveram recursos próprios e tiveram trajetórias que merecem ser olhadas e vistas nas suas singularidades. Analiso o caminho trilhado por esses estudantes, que ingressaram na UFF através das políticas públicas, e investigo as formas de interação dos estudantes com a universidade, isto é, e como lidam com a estrutura burocrática, como conseguem estudar e quais os recursos usados. A busca por conhecimento é uma faceta da luta de classes em um ambiente em que o capital cultural, adquirido fora da universidade, é muitas vezes um critério para determinar o sucesso ou o fracasso.

## 1 AS PERSPECTIVAS DE PIERRE BOURDIEU E BERNARD LAHIRE SOBRE A EDUCAÇÃO

Em meados da década de 1960, prevalecia uma visão muito otimista da escola e da educação. O senso comum e as ciências sociais, de inspiração funcionalista, atribuíam à escolarização o potencial de superar o atraso econômico do autoritarismo e dos privilégios associados às tradições. Com a massificação escolar e o sistema de meritocracia, se atingiria uma nova sociedade, justa, moderna, científica, racional e democrática. Essa visão se fundamentava na ideia de autonomia do indivíduo. Pierre Bourdieu (1979) foi um dos responsáveis pela reviravolta nessa visão. Ele abordou as desigualdades na educação a partir de uma série de ideias originais e desejou transformar a sociologia numa ciência capacitada para uma função crítica, que desvendasse mecanismos educacionais, culturais, sociais e simbólicos de dominação. Para isso, resolveu refletir sobre uma série de contraposições e de antinomias, que estiveram presentes nas ciências sociais desde seu princípio: indivíduo contra sociedade, ação contra estrutura, liberdade contra necessidade. Bourdieu pretendia busca superar um dilema clássico do pensamento sociológico, sob a tensão entre duas perspectivas de investigação: o subjetivismo (que tende a reduzir as estruturas às interações) e o objetivismo (que deduz as ações e interações da estrutura) (Alves, 2016). Pierre Bourdieu procurou unir essas posições ao ver o indivíduo como um ator configurado, com seus gostos, preferências, aptidões, as posturas corporais, a entoação de voz, socialmente constituídos. Como forma de distanciamento ao objetivismo, Bourdieu utilizou o conceito de “habitus”, que para ele era

Um sistema de disposições duráveis e transferíveis que integram todas as experiências passadas e funciona a todo momento como matriz de preocupações, apreciações e ações. O “habitus” torna possível o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciais, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas, da mesma forma, graças às correções incessantes dos resultados obtidos e dialeticamente produzidos por estes resultados (Bourdieu, 1972,178).

O conceito de “habitus” descreve a incorporação das estruturas objetivas pelos indivíduos. Na perspectiva de Bourdieu, a sociedade é atravessada por disputas simbólicas, em que a classe dominante, portadora da legitimidade da cultura, faz uso

da cultura legítima - ou do seu “poder simbólico” - para reproduzir a sua posição social através das gerações. Isso acontece através da transmissão sutil de um sistema de disposições duráveis que funcionam como uma espécie de lei depositada em cada pessoa, que se torna uma marca da sua posição e situação de classe. As implicações da teoria de Bourdieu para pensar a educação são evidentes. A partir dessas ideias, Bourdieu “postulou uma teoria ampla da reprodução cultural, que conecta a posição econômica, o *status* social e o capital simbólico com o conhecimento e habilidades culturais” (Giddens, 2012, 598).

Bernard Lahire (1997) tem um diálogo intenso com Bourdieu. No entanto, vê o ator social como um ser que se constrói por meio de diversos processos de socialização em escalas coletivas e individuais. Ele critica o que entende como uma visão muito determinista em Bourdieu e procura entender e esclarecer possibilidades de pessoas desprovidas de herança cultural – principalmente a familiar movimentarem capital cultural. Para abrir essas possibilidades, apresenta uma crítica da teoria do *habitus* e entende que as estruturas, incorporadas sob a forma de disposições (corporais, mentais ou cognitivas) não são completamente resistentes a mudanças. Para ele, há uma dimensão inventiva e pode haver muitas disposições, que permitem que o indivíduo, sob algumas circunstâncias, se situe e ajuste em mundos sociais diferentes.

Lahire (2002) diz que é necessário evitar simplificar o conceito de socialização. É preciso descrever e analisar os diferentes quadros e instituições em que ela se realiza, os tempos e movimentos do percurso individual, assim como a duração, ritmo e intensidade das ações socializadoras. Consigo enxergar uma relação entre as ideias de Lahire e um estudo empírico feito na Universidade de São Paulo (USP) junto a alunos trabalhadores e de origem popular. No artigo “Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade” o professor Wilson Mesquita (2007) procura entender os motivos que levam esses estudantes a enfrentar horas de carga de leitura mesmo depois de exaustivas horas de trabalho. O trabalho mostra como esses alunos oriundos de classes populares se empenham para conquista um novo status cultural num espaço pertencente à elite.

Além da herança familiar, Lahire identifica em sua pesquisa “Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável” diversos aspectos que não foram tocados pelos trabalhos de Bourdieu. Além da condição financeira familiar, ele

observou a rotina e a organização no interior da família, seus valores, o papel da escrita no cotidiano. Ainda que os aspectos financeiros e de classe sejam fundamentais, as famílias estudadas por Lahire diferem na forma de lidar com a educação no interior dos seus lares. Além disso, problemas no âmbito família - como falecimento, divórcio ou desemprego - têm impacto. E situações mais estáveis e regulares facilitam processos de socialização da criança em ambiente escolar e na execução das tarefas. E como o meio escolar valoriza e prioriza os alunos com maior capacidade de controle, as formas de socialização interagem e se influenciam. Lahire dá destaque à autoridade familiar, à moral doméstica, às condições e situações da família, à forma como os adultos lidam com os sentimentos das crianças, entre outros aspectos. Em sua pesquisa com vinte e sete crianças de baixa renda, migrantes e de baixo capital cultural, moradoras de um bairro de periferia de Lyon na França, Lahire (1997) observou que, apesar das semelhanças, elas apresentavam desempenhos diferentes. Treze delas tinham sucesso escolar no 2º ano do nível do ensino fundamental, e as outras catorze estavam falhando, conforme as notas das avaliações. As crianças socializadas em um ambiente estável tendiam a serem mais organizadas, portanto habilidades valorizadas pela escola.

Além de ver os indivíduos como atores nos contextos sociais, Lahire (1993) presta atenção em como o ator é submetido a experiências intensas em diversos espaços sociais. A relação com a escrita aparece como uma questão fundamental na observação das famílias e na socialização das crianças. Em uma entrevista para a revista “Nova Escola”, Lahire (2014) afirma que:

Com pais que dedicam aos seus filhos algum tempo de leitura diária de histórias, essas crianças compreendem melhor o aprendizado e identificam elementos de construção dos textos, como introdução, desenvolvimento e conclusão e vão além com as reflexões escolares.

É importante deixar claro que Lahire (1997) não nega o peso do capital cultural, conforme a formulação de Bourdieu, mas explora outras possibilidades. Ele chama atenção para como a relação dos alunos com a escola, aquilo que é esperado, está em forte relação com a ordem moral doméstica e suas características. O regime disciplinar da escola pressupõe uma determinada socialização. Com Bourdieu, Lahire mantém que a escola se baseia em um determinado capital cultural. As instituições educacionais têm suas normas e regras pautadas nas leis legitimadas e em um saber



que expressa uma dominação simbólica, transferindo a culpa do fracasso escolar ao estudante. Quando colocado em uma instituição que tenta igualar os estudantes, dando-lhes o mesmo método de ensino, aquele com um maior capital cultural terá maior chance de ter sucesso escolar. Tendo essas ideias como um norte, nos próximos capítulos vou investigar como elas podem contribuir para elucidar a trajetória de alunos do ICFH-UFF, isto é, como foram seus processos de socialização, quais foram os apoios recebidos, quais foram os recursos usados para entrarem e se manterem na universidade, escapando do padrão registrado por Bourdieu (1999).

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para esta pesquisa não posso deixar de mencionar o quanto foi importante para mim a leitura de Norbert Elias (1994) e a forma como ele me fez pensar de forma diferente sobre sociedade e indivíduos, processos sociais e interações humanas no âmbito da sociedade. Essa pesquisa também foi muito influenciada, como já mencionei, por Bernard Lahire e seu livro “Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável”. Tentei ao longo da pesquisa traçar paralelos entre o meu esforço e meu pensamento e as abordagens dele, especialmente a importância que dá aos dados empíricos em escala individual. Pensei, assim, tanto na situação cultural e econômica, a insuficiência de capital herdado, como discutida por Bourdieu, como nas possibilidades de agência e de invenção apontada por Lahire.

Em um documentário recente, Lahire falou que o governo tem o dever e a responsabilidade de oferecer escolas de qualidade e excelência educacional, enviar bons professores e bons equipamentos à periferia, ajudar estudantes de origem popular a entender a importância de priorizar o ensino educacional. A trajetória de Lahire como professor fez toda diferença em sua carreira profissional. No seu livro, ele mostra como a rotina, as escritas na vida familiar fazem diferença, mas também como as influências externas também colaboram muito para o sucesso escolar: ter um amigo estudioso, um professor competente e ter cumplicidade com alguém estimula o espírito de curiosidade da criança. Lahire também fala das instituições, os grupos, as cenas, os diferentes campos de força e de luta. Sua contribuição é grandiosa.

O trabalho de Lahire é muito completo: baseia-se muitas observações e em entrevistas com inúmeras pessoas envolvidas na vida dos estudantes. Nessa pesquisa, por limitação de tempo, escolhi outra metodologia. Almeida (2007) fez uma pesquisa com estudantes provenientes de meios populares que estão na Universidade de São Paulo (USP) usando a metodologia do grupo focal. Suas preocupações são parecidas com as minhas: entender como esses alunos chegaram e como estão permanecendo na universidade. Por esses motivos, resolvi fazer o mesmo na UFF, onde estudo. Morgan (1996) define grupos focais com uma técnica de pesquisa qualitativa baseada em entrevistas em grupo que serve para coletar informações por meio das interações entre as pessoas. Com base nessa técnica, foi realizado um experimento no Campus do Gragoatá, na Universidade Federal

Fluminense, durante a semana acadêmica, que ocorreu no mês de outubro de 2018. Durante essa semana, as aulas na universidade foram suspensas, o que liberou os participantes das suas atividades e permitiu que tomassem parte no grupo focal. Além disso, a sala onde realizamos a atividade – no bloco P, 3º andar - ficou vaga durante o intervalo do evento. Convidei o estudante Mateus Lobo para me auxiliar durante a atividade com o controle do tempo, a gravação e a fotografia. No dia 18/10/2018, enfim, realizamos o grupo focal com início às 15h30 e término às 17h10.

O convite aos participantes foi feito previamente e online, através das redes sociais. O critério de seleção foi baseado em idade (jovens entre 21 e 35 anos), origem socioeconômica (baixa renda) e serem oriundos das redes públicas de ensino. A presença dos participantes no grupo focal foi muito espontânea. Apesar de um certo receio, por não terem informações prévias sobre essa técnica, eles se prontificaram a participar do experimento. Preparei o local como uma anfiteatro para deixá-lo arejado e confortável e arrumei as cadeiras em círculo, verificando se tudo estava corretamente disposto no local: o celular para a gravação, o lanche para os participantes e de cortesia um bloco e um lápis para cada um deles. Para desempenhar corretamente o papel de moderadora, observadora e relatora, levei um roteiro com minhas perguntas e orientações para mim mesma, para lembrar de conduzir o grupo e sem interferência nos diálogos.

Na introdução, me apresentei e expliquei o motivo da pesquisa. Pedi a autorização dos participantes para registrar a discussão e comuniquei que utilizaria codinomes na redação da monografia, a fim de preservar suas identidades. Depois disso, solicitei que os participantes descrevessem a sua trajetória com muita precisão e detalhes. Os participantes eram dos cursos de: dois de Ciências Sociais, um de Produção Cultural, um estudante de Filosofia, outra de Pedagogia e uma de Sociologia. Quatro desses se autodeclararam negros, uma se autodeclarou parda e um se autodeclarou branco.

Desses estudantes quatro são solteiros, duas são separadas. Dentre esses estudantes, somente A tem filhos – uma filha de treze anos e outra de dezoito anos. Todos os participantes estudaram em escolas públicas, alguns deles com históricos de evasão, repetências e dizem ser o ENEM, um caminho do retorno aos estudos. Dois são bolsistas e outros três cotistas por optarem autodeclarados. Um estudante, L, conseguiu realizar o ENCCEJA, obtendo a certificação no nível de conclusão do ensino fundamental e ensino médio, sem a qual não teria ingressado no ensino

superior. O trabalho, foi apontado por ele como motivo para ter parado de estudar. Parte significativa deles não são originalmente do estado do Rio de Janeiro, migraram de outros estados são esses São Paulo e Curitiba e assim deixaram seus familiares, amigos, amores, para vir estudar na Universidade Federal Fluminense. Os outros participantes são do Estado do Rio de Janeiro e da cidade de Niterói. Os participantes relatam terem sido os primeiros de sua família a ingressar na universidade. Principalmente as mulheres. Os seus familiares desempenhavam ocupações de baixa qualificação e remuneração, e na maioria dos casos não concluíram o ensino escolar na época estimada pelos órgãos competentes. Na tabela abaixo, apresento informações completas sobre eles:

**Tabela 1: Perfil dos participantes do grupo focal**

PARTICIPANTE	A	C	J	L	V	W
SEXO	F	F	F	M	F	M
IDADE	35	24	26	30	24	21
ANO DE ENTRADA	2014	2017	2015	2014	2017	2016
COR AUTODECLARADA	NEGRA	NEGRA	PARDA	BRANCA	NEGRA	NEGRA
ESTADO CIVIL	SEPARADA	DIVORCIADA	SOLTEIRA	SOLTEIRO	SOLTEIRA	SOLTEIRO
FILHOS	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
MOTIVADOR	FILHA	PAI	MÃE	PROFESSOR	PROFESSOR	PROFESSOR
CIDADE DE ORIGEM	NITERÓI	SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	CURITIBA	NITERÓI	SÃO PAULO
COTAS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
CURSO	SOCIOLOGIA	PRODUÇÃO CULTURAL	PEDAGOGIA	FILOSOFIA	CIÊNCIAS SOCIAIS	CIÊNCIAS SOCIAIS
PERÍODO ATUAL	8º	4º	8º	8º	4º	6º
TRABALHA	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
POSSUI BOLSA	PROAES	PIBID	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO

**Fonte:** elaboração própria

### **3. GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DO ICHF, UFF**

Conforme Morgan (1996) a técnica do grupo focal permite perceber a interação contagiante entre os participantes, o que permite que o pesquisador consiga um tipo de dado especial, denso, produzido por uma dinâmica mais espontânea e natural do que a entrevista individual. Alguns temas comuns que emergiram do debate e que geraram concordância entre os estudantes foram 1. A percepção de diferentes formas de discriminação na universidade, 2. A dificuldade de ter acesso aos programas e benefícios anunciados pela universidade e 3. Os problemas e inconvenientes em lidar com a carga horária dos seus respectivos cursos, que na sua visão não é suficientemente flexível. 4. A má distribuição das estruturas e a superlotação dos refeitórios. Muitos passam o dia com privação alimentar, quando o refeitório não abre. 5. A falta de bolsas diante da grande necessidade dos estudantes. 6. As dificuldades de habitação, pois a maioria mora em república, lugar precário e tumultuado para estudar. 7. Problemas com transporte, alimentação e moradia, que dificultam o cumprimento dos horários estipulados pela instituição. Seguimos agora para meu resumo dos relatos individualizados dos participantes.

#### **J, mulher, 26 anos, carioca, parda, solteira, estudante de Pedagogia**

A participante J relatou que cursou um Ensino Médio defasado, com muitos obstáculos, e que, no entanto, foi ajudada e estimulada por professores a prestar o vestibular. J comentou ter sido a primeira mulher da família a entrar em uma universidade. Apesar de ter tido, nas suas palavras, “uma chegada tranquila”, a permanência na UFF tem sido difícil e J tem dúvidas se conseguirá continuar até o fim. Uma das causas principais, diz, são as “greves constantes, paralizações”.

...não consegui apoio psicológico, pego barca, ônibus e ando a pé para chegar até aqui, não consegui o passe-livre. É muito frustrante, sai caro as passagens. Chegando, não tem bandeirão aberto, fico com fome assistindo as aulas, por motivo da greve.

Com respeito ao ensino, J narrou outras dificuldades, como a luta e problemas para compreender os textos e, ao mesmo tempo, os conflitos que surgem no seu meio familiar e social por causa da incorporação de novos valores e visões de mundo que entram em conflito com aqueles do seu ambiente de origem.

E os textos são muito complexos, os professores são muito exigentes. Aqui é difícil, muita cobrança, somos carentes, não conseguimos às vezes acompanhar.

Há uma questão de resistência na visão de mundo. Hoje eu entendo e isso gera conflitos no meio familiar, e no meio social, também. (...) bem, entrei aqui com uma cabeça, e agora penso de outro modo com outra cabeça, e aí, gera conflitos, muitas lutas internas e externas.

### **C, mulher, 24 anos, paulista, negra, divorciada, estudante de Produção Cultural**

C cursa Produção Cultural na UFF, veio apenas para acompanhar sua amiga no grupo focal, mas acabou querendo participar também. Ao descrever sua trajetória, afirmou que sempre estudou em escolas públicas. Para ela, a escola era “chata” e “quase sem professor”. Em São Paulo, de onde veio, trabalhava no Departamento de Ouvidoria Pública de uma empresa grande de seguros de saúde. O trabalho, segundo ela, era difícil: “lidava com gente rica. Eu estava adoecendo, por lidar com a saúde das pessoas. ” A vida familiar também era dura: “Fui casada. Não deu certo. Muita violência. Divorciei antes de vir para cá” Apesar das dificuldades, J foi aprovada no vestibular no ENEM e veio para o Rio de Janeiro, onde diz sentir solidão e sofrer com saudades da família:

Então passei no vestibular o ENEM. Pedi para me mandarem embora. Eles não me mandaram. Tive que pedir demissão. Meu pai me trouxe de carro. Quando ele foi embora, eu pensei: “mano, agora é verdade, é surreal”. Me emocionei vendo o carro sumir na estrada.

Eu senti muita diferença. Não sei se foi estranhamento do modo das pessoas, sei lá, muito diferente de onde eu morava. Saudades da família é muito chato.

Eu vim morar numa pensão com trinta pessoas, homens, mulheres e tudo mais, imaginem... Gente de todo lugar, gente da Marinha, Exército, Bombeiros, gente de todo jeito e nem todos eram da universidade. E o portão fica aberto, horrível, sem condições. Sofri muito.

Eu liguei para o meu pai vir me buscar, estava com saudade de todos, ele veio aqui só uma vez, minha mãe nunca veio. Eu, quase desisti de continuar por aqui. Mas consegui superar.

Depois de retornar a São Paulo, J voltou para Niterói e disse que agora vive em um lugar melhor, onde consegue estudar. No entanto, relata ter uma vida de isolamento e sem lazer: “não saio não vou a lugar nenhum e nem conheço o Rio de Janeiro”. Esse último comentário foi feito com expressão de indignação. E continuou

falando sem deixar que ninguém a interrompesse. “Você está no Rio, mas não sabe que é só estudar e estudar”. J recorda, no entanto, que logo que chegou de São Paulo recebeu um convite de uma caravana para a participar de uma comemoração na quadra de escola de samba do Salgueiro.

Ah, na verdade eu recebi um dia um convite para conhecer a Escola de samba do Salgueiro, fomos de ônibus e foi assim que conheci a quadra. Eu me senti como uma rainha. Muito legal lá. (...) Imagina vocês a cara dos meus amigos de São Paulo quando souberam disso [sorriu] (...) O dia mais show que eu vivi, mano. Tudo muito surreal... e me senti, fora de mim, mano. (...) Mano, foi muito glamour.

O dinheiro devido a ela pela empresa onde trabalhava a sustentou durante o primeiro semestre do curso. Desde então, J tem tido dificuldades para se manter. “Não tenho ajuda financeira. Fico atrás do edital, mas é difícil conseguir a vaga: são poucas para muitos alunos”. Por fim, J percebe determinadas atitudes de alguns professores como arrogantes, o que para ela se soma às dificuldades de ordem financeira e emocional que já vive. “Até a arrogância de certos professores... não ser ouvida é muito triste e humilhação, mano”.

### **W, homem, 21 anos, paulista, negro, solteiro, estudante de Ciências Sociais**

O estudante W cursa Ciências Sociais e veio de São Paulo. Muito sério, com voz firme e com um semblante sofrido, relatou que estudou todo o Ensino Médio em colégios estaduais. Segundo ele, apesar de pobre e muito precária, a escola tinha uma equipe de docentes muito bem preparada. Os professores eram formados pela USP e, relata, sempre davam palavras de incentivo para os alunos. “O professor ficava falando sempre que me encontrava na escola: você não paga nada e terá um ensino de qualidade. Você tem um enorme potencial”.

E aí tentei o ENEM, passei. Foi muito emocionante. E vim para o Rio de Janeiro sem conhecer nada, mas naquela de “vou conseguir”, e consegui. Cheguei aqui sem nada, somente com meus documentos e uma mochila, apresentei meus documentos e parti para a república mais próxima daqui da UFF.

Apesar da história de sucesso, W vivenciou dificuldades após o ingresso na UFF:

Hoje curso Ciências Sociais, estou no sexto período, sou um aluno médio. Já desisti de buscar as bolsas de programas de assistência estudantil, por ser

muito difícil e muito complicado. Vários documentos, muita burocracia, muita chateação.

Em seguida a esse relato, W comentou em voz baixa: “estou conformado”, “Sabe o melhor é entender e aceitar” e contou que em breve vai concluir a graduação. Na sua visão, isso por si só já o fez “ficar mais forte e independente”. W não comentou nada sobre seus familiares e sua vida pessoal. Diante do silêncio, outro estudante foi tomando a palavra.

### **L, homem, 30 anos, curitibano, branco, solteiro, estudante de Filosofia**

“Boa tarde, eu sou de Curitiba, meu curso é Filosofia, sou branco”. Assim se apresentou o estudante L, que assim como os colegas A, C, J e L, afirmou ser o primeiro da família a entrar na universidade. “Meus pais tinham só o fundamental incompleto. Minha mãe tinha um carrinho de cachorro quente e meu pai era garçom”. Também como os demais, L estudou em escolas públicas, mas de todos foi o que teve a trajetória escolar mais irregular, marcada por muitas repetências e, por fim, pela evasão durante o Ensino Médio. De acordo com L, isso ocorreu porque ele foi “criado muito solto” e “sem nenhuma orientação nos estudos”. A violência em casa também deixou uma marca na sua trajetória:

Lá em casa havia muitas brigas. A violência que eu sofria era grande. Meu pai era muito violento. Agressões verbais e corporais. Era um pesadelo. Estudei em escolas públicas e repeti várias vezes seguidas. No ensino médio repeti muitas vezes, quase uma faculdade. [Risos]...resolvi por muitas vezes estudar, fiz o EJA, mas foi difícil. Não conseguia passar. Tive vários problemas. Não conseguia me adaptar ao ensino, não aprendia. Até que cheguei ao ponto de dizer à minha mãe que eu ia embora de casa. Por causa da violência que sofria em casa.

Fugi para salvar a minha vida. E vim parar aqui em Niterói. Eu tinha uma namorada por aqui.

Seu ingresso na UFF foi inesperado. Ao vir morar em Niterói, L trabalhou em supermercados e lojas de sapatos. Por estar com muita defasagem de idade para estudar em uma escola pública regular, L recorreu ao antigo ensino supletivo (hoje ENCCEJA), que finalmente conseguiu cursar e concluir. Ao prestar o ENEM, relata, não tinha nenhuma esperança de entrar na universidade e “já estava mudando os planos” para a sua vida. “A sociedade nos trata com muita distância, e por estarmos fragilizados, nem acreditamos mais na gente”.



Para sua surpresa, L recebeu um e-mail que comunicava que havia passado no SISU e que deveria se apresentar. Ao fazer sua inscrição, optou pelo curso de Filosofia: “fiz a inscrição, estou cursando filosofia, que eu amo, por admirar os conceitos e teorias dos Filósofos”. Uma das características mais marcantes do relato e das intervenções de L durante a realização do grupo focal é a sua relação admiração e, ao mesmo tempo, de crítica com relação ao ambiente universitário. L percebe a universidade como um espaço competitivo, estruturado para atender um alunado privilegiado, que não precisa trabalhar para o próprio sustento. Além disso, aponta a existência de uma elite “diferenciada” e “separada”. É provável que queira se referir àqueles estudantes dotados de um capital econômico e cultural familiar, que compartilha bens e signos de uma classe superior e, assim, se separa e distancia dos alunos pobres e trabalhadores.

Eu estou aqui, é tudo diferente, um mundo cheio de obstáculos e competições. Há uma elite que é bem visível por aqui. São diferenciados e separados. Aquelas panelinhas, os “acadêmicos”

Ah! Aqui você está constantemente em disputas.

[A universidade] é feita para quem não trabalha, só estuda: a ELITE. [. Sorriu].

Ao mesmo tempo, L expressa orgulho de ser estudante da UFF, salienta a necessidade de foco e esforço e acaba por pontuar, em alguns momentos, que, apesar de tudo, o ambiente é plural.

É difícil, mas estou feliz por chegar até aqui. A graduação é pesada, mas tem que procurar fazer por onde, estudar e ter foco nos estudos.

Estou muito feliz de estar em uma das melhores universidades Federais do País.

É a nossa realidade. Aqui é assim: tem de tudo.

### **V, mulher, 26 anos, niteroiense, negra, solteira, estudante de Ciências Sociais**

V foi uma das participantes que menos falou durante a realização do grupo focal, chegando a reagir diante de algumas perguntas: “Nossa! Que pergunta? Bem, difícil, mas é uma pergunta, né??? Mas, vamos lá”. V ingressou na UFF pelas cotas e seu relato foi sucinto:

Sou a segunda pessoa a chegar na universidade. A família toda é sem estudo. Minha bisavó é analfabeta. Foi toda uma geração retalhada e sofrida. Um processo muito reprimido, muito complicado. Escolhi a UFF por ser na minha cidade, e [uma universidade] conceituada. [OS] professores são exigentes e eu nem sei se vou conseguir terminar do jeito que está.

### **A, mulher, 35 anos, Niterói, negra, separada, estudante de Sociologia**

A, x anos, separada, mãe de duas filhas adolescentes, cursou o supletivo e fez o ENEM para ingressar na UFF. Aluna de sociologia, A relatou que no momento em que entrou na universidade seu casamento estava em crise por causa das violências que sofria em casa.

Ele abusava muito de mim. Eu não tinha ânimo mais vida. Quando saía de casa às vezes com ele, eu não podia olhar para lugar nenhum. Se eu me atrevesse eu apanhava na cara. Sofri muito, apanhava, fui muito humilhada, ele pisava em mim, me batia muito, muito mesmo. Chegou o dia que eu não aguentei e dei um basta. Separei.

Incentivada por professores e pela filha mais velha, A fez o ENEM e conseguiu ingressar no curso de Sociologia – sua segunda opção, visto que não atingiu a nota de corte do curso de sua preferência, História. Assim como L, a estudante A tem uma visão crítica e, ao mesmo tempo, uma relação de encantamento com a universidade.

Consegui. Passei. Quando minha filha me ligou eu estava no trabalho. Ela disse: “mamãe, você passou!” Foi tão maravilhoso, tão emocionante.

Mas para conseguir frequentar é que foi muito difícil. Por causa da grade, trabalhar e estudar não é fácil. (...) eu tenho duas filhas. Dia e noite trabalho com doces. É difícil conciliar os horários da grade, mas vou lutando.

Mas é tão mágico aqui. É maravilhoso o conhecimento.

A descreve com entusiasmo a vida no campus. Atualmente está no último semestre e diz que pretende tentar seleção para o mestrado. Ao mesmo tempo, relata ter vivido situações difíceis de discriminação racial durante o curso, além de ter buscado ajuda no serviço de atendimento de saúde e não ter sido atendida, pois o sistema estava inoperante.

Eu amo estar na UFF. Gosto dos professores, de tudo, das aulas, da biblioteca, mas sofri com alguns assuntos aqui que eu não quero comentar. Sofri racismo e certos constrangimentos, mas vou suportando. Consegui a bolsa de iniciação Científica, do PROAES, que me ajuda a me manter na universidade. Tenho vontade de continuar e fazer a prova do mestrado. Já estou pensando nas possibilidades. Meus melhores momentos foram ao entrar na universidade. Uma parte boa que vou levar para a vida toda são as amizades que eu fiz.

E assim, me despedindo com meus sinceros agradecimentos aos participantes, desliguei o celular e interrompi a gravação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesta pesquisa compreender as trajetórias de alunos, baseados em seus relatos superação, que culminaram na sua entrada e permanência no espaço acadêmico. Observei os diferentes caminhos pelos quais eles foram conduzidos da vida escolar até ao ingresso no ensino superior. Com a pesquisa qualitativa, certamente ganhei como bônus a riqueza das experiências, embora saiba das limitações desse tipo de estudo. É provável que, durante a realização do grupo focal, o fato de eu ser também oriunda de uma trajetória cheia de obstáculos tenha ajudado e incentivado os colegas a relatar a sua intimidade, a reagir de forma espontânea às falas uns dos outros. Foi um encontro muito fluente e natural e a interação e as trocas foram feitas com muita confiança e parceria. Vários deles consideraram a possibilidade de levar o relacionamento estabelecido ali para além dos muros da universidade.

Apesar das diferenças e das particularidades do Brasil, reconheci vários paralelos com as pesquisas de Lahire (1997). Esses casos de sucesso são fenômenos muito particulares a cada experiência, diferentes jornadas que levaram essas pessoas à universidade em busca de aprendizado em um espaço organizado a partir de um capital cultural de elite, legitimado e instituído pela instituição.

As relações familiares apareceram como um fator diferencial para orientar e organizar a construção de leitura e escrita nos primeiros anos de vida estudantil. Assim como Lahire, percebi a importância dos pais ou de algum membro da família como responsável pela criação da criança, fazendo uma parceria com ela na leitura, a relevância de escrita no cotidiano da vida familiar, mas também o papel de professores e instituições escolares na socialização.

Na ausência do capital cultural, a dificuldade de permanência na academia é muito forte. Conforme afirma Bakhtin (1992), o signo é arena da luta de classes. Na base do desenvolvimento da linguagem se produz a elite. No entanto, observei formas de resistência entre os estudantes da UFF. O grupo focal, diferente da entrevista individual, me ajudou a observar o papel fundamental da parceria e amizades entre eles, a troca de conhecimentos, tanto nos encontros de todos os dias, como na troca de informações por via *online*. A interação entre esses estudantes populares parece construir uma rede de conhecimentos. Até mesmo durante o experimento do grupo focal observei como o celular estava a todo momento diante dos olhares dos

participantes. As trocas de mensagens se faziam naturalmente. Mesmo que a universidade reproduza muitas desigualdades, há pluralidade de experiências e o uso criativo e colaborativo de meios de troca e aprendizado entre os alunos. Em fração de segundos, eles se transmitem conhecimento e quebram barreiras burocráticas das estruturas acadêmicas. Uma pesquisa futura pode se debruçar mais sobre como as tecnologias tornam possíveis novas formas de socializar, de mobilizar capital cultural e de obter sucesso.

**REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA, Wilson MESQUITA. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. Cad. CRH vol.20 no.49 salvador Jan./Apr.2007 <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000100004>.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. Dos habitus de classe aos patrimônios individuais de disposições: reflexões sobre a prática em Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. *Sociologias*. 2016, vol.18, n.42, p.294-327.

BAKHTIN, MIKIL. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec,1992.

\_\_\_\_\_ **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes,1996.

BOURDIEU, PIERRE. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes,2001<sup>a</sup>.p.39-64.

BOURDIEU, PIERRE. Escritos da educação. São Paulo; Ática (1999).

\_\_\_\_\_ **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Pairus,1996.

\_\_\_\_\_ **Esboço de uma teoria da prática: Procedidos de três estudos de etnologia, Cabila**. PT: Celta Editora.2002.

BOURDIEU, PIERRE. **La distincão: Criterios y bases sociales del gusto**. Madrid: taurus1988 (1979).

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 12.711/2012**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)>. Acesso em: 06 out de 2018.

Revista. Saúde Pública, V. 30, n.3, p. 285-93,1996.

COTRIM, Beatriz Carlini. Potencialidade da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. São Paulo, 1996.

DURKEIME, ÉMILE. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de janeiro: Jorge Zahar. Editor,1994.

ENSAIOS. **Seleção e introdução: Celso Castro**. Editora: ZAHAR

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.**

PASSERON, J.C. **Jes Héritiers: Iês étudiants Et la Aculture.** Paris: Edite. Minuit, 1964.

PASSERON, JC .Le raisonnement Socilogique: L'espace non- poppérien du raisonnement naturel. Paris: Nathan,1991[Links].

Fernandes, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica.** São Paulo: Companhia Editora Nacional,1959.

FORRACHI, Marialice Mencarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** São Paulo: Companhia Editora Nacional,1965.

Análise sociológica da educação, IN.....A participação social dos excluídos. São Paulo: Companhia editora Nascional,1965.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências Da Modernidade.** São Paulo, 1991. P. 70. Editora: Unesp.

\_\_\_\_\_ **Novas regras do método sociológicos.** Rio de Janeiro: Zahar,1978.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** 6ª Edição. Porto Alegre, penso, 2012

GOFFMAN, ERVING. **Contribuições para a Sociologia da Saúde de dissociabilidade na Pós-graduação.** Rio de Janeiro, 2008

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo, 1997. Editora: Ática.

REVISTA BRASILEIRA de EDUCAÇÃO, v, v.14n 41, pp.269-393 maio /ago.2009.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar,1980.

MINAYO, MARIA CECILIA (2003) Petrópolis: Editora vozes.

MOITA, Filomena. ANDRADE, Fernando. **Ensino –pesquisa –extensão um exercício de dissociabilidade na pós-graduação.** Revista Brasileira de Educação. Paraíba, 2009.

Revista Saúde. **Perspectivas em Ciências da Informação-on-line**. V. ISS1981-534Physis

MORGAN-GF. –Print Vers.ISSN0103-7331 Online ver. ISSN 1809-4481PhysisVOI.19no.1Riodejaneiro.http://dx.doi.org/10.1590/SO10373312009000100009 (1997)

MUZZETI, Luci Regina. **Consenso ou conflito: contribuições das teorias de Émile Durkheim de Pierre Bourdieu**. Jornal Boletim do Departamento de Didática, Araraquara, v.16. n.15,p.43-61. São Paulo, 1999.

BINDO. Marcia. NOVA ESCOLA. **Bernard Lahire. “A escola é a estrutura estável de quem vive numa família estável”**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/872/bernard-lahire-a-escola-e-a-estrutura-estavel-de-quem-vive-numa-familia-instavel>>. Acesso em: 18 out 2018

SOUZA E SILVA, J. **Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade**. Editora Sette Letras; 2003. [Links]

VILLAS BÔAS, Glaucia. **Seleção e partilha: e desigualdades sociais na universidade**. Teoria e Sociedade, v.7.p.45-60. Belo Horizonte, 2001[Links]

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. De Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília2000.

WESTPHAL, M. F. et al. **Grupos focal uma técnica de pesquisa qualitativa – exemplo de sua utilização em saúde pública**. Texto em publicação. São Paulo, 1

KRUEGER, R. A& Casey, M.A (2000). Focus groups. A practical guide for applied research. Califórnia: Thousand. Oaks.